



Universidade de São Paulo



vencerás pela
educação



Prova de Segunda Fase

FUVEST 2026

1º Dia

Instruções

1. Só abra este caderno quando o fiscal autorizar.
2. Verifique se o seu nome está correto na capa deste caderno. Eventuais correções serão efetuadas após a divulgação da lista de aprovados.
3. Durante a prova, são **vedadas** a comunicação entre candidatos e a utilização de qualquer material de consulta e de aparelhos de telecomunicação.
4. Duração da prova: 4 horas. O(A) candidato(a) poderá retirar-se da sala definitivamente apenas a partir das 15 h. Não haverá tempo adicional para transcrição de respostas, que deverão ser redigidas em língua portuguesa.
5. O(A) candidato(a) deverá seguir as orientações estabelecidas pela FUVEST a respeito dos procedimentos adotados para a aplicação deste Concurso Vestibular.
6. Lembre-se de que a FUVEST se reserva ao direito de efetuar procedimentos adicionais de identificação e controle do processo, visando a garantir a plena integridade do exame.
7. Após a autorização do fiscal da sala, verifique se o caderno está completo. Ele deve conter 10 questões de Português e uma prova de Redação. Informe ao fiscal de sala eventuais divergências.
8. Os espaços em branco nas páginas dos enunciados podem ser utilizados para rascunho. O que estiver escrito nesses espaços não será considerado na correção.
9. A resposta de cada questão deverá ser escrita exclusivamente no quadro a ela destinado, utilizando caneta esferográfica de tinta **azul** ou **preta**. Transcreva o rascunho da redação para a folha avulsa definitiva. O que estiver escrito na página "Rascunho da Redação" não será considerado na correção.
10. Preencha a folha definitiva de redação com cuidado, utilizando caneta esferográfica de tinta **azul** ou **preta**. Essa folha **não será substituída** em caso de rasura.
11. Ao final da prova, é **obrigatória** a devolução da folha definitiva de redação acompanhada deste caderno de questões.

Declaração

Declaro que li e estou ciente das informações que constam na capa desta prova, bem como dos avisos que foram transmitidos pelo fiscal de sala.

ASSINATURA

01

Algumas estrelas podem estar rodeadas de pequenos mundos rochosos e sem vida, de sistemas planetários congelados durante um estágio inicial da sua evolução. Talvez muitas estrelas possuam sistemas planetários semelhantes ao nosso; na periferia, grandes planetas com anéis gasosos e luas geladas, e, mais próximo do centro, pequenos mundos quentes, azuis-esbranquiçados e cobertos por nuvens. Em alguns, a vida inteligente pode ter evoluído, refazendo a superfície planetária com algum empreendimento massivo de construção. São nossos irmãos e irmãs no Cosmos. Serão muito diferentes de nós? Como será sua forma, bioquímica, neurobiologia, história, política, ciência, tecnologia, arte, música, religião e filosofia? Talvez algum dia o saibamos.

Carl Sagan. *Cosmos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

No seio majestoso do infinito,
- Alvos cisnes do mar da imensidade, -
Flutuam tênues sombras fugitivas
Que a multidão supõe densas caligens*,
E a ciência reduz a grupos validos;
Vejo-as surgir à noite, entre os planetas,
Como visões gentis a flux dos sonhos;
E as esferas que curvam-se trementes,
Sobre elas desfolhando flores d'ouro,
Roubam-me instantes ao sofrer recôndito!

Narcisa Amália, *Nebulosas*. São Paulo: Via Leitura, 2024.

*caligens – nevoeiros densos; névoas

- Indique dois elementos do cosmos mencionados por Carl Sagan que estão presentes nos poemas de *Nebulosas* como metáforas, explicando sua significação no poema de Narcisa Amália citado acima.
- Aponte uma discussão sobre história, política ou ciência presente na antologia *Nebulosas* e explique sua relação com um ideal de irmandade (“irmãos e irmãs no Cosmos”) no contexto dos poemas.

02

Como eu, você e todos nós estamos nos transformando em uma nuvem de dados - e isto não é nada bom

Marcelo Soares

Oito em cada dez usuários de *internet* no Brasil usam as redes sociais com frequência, de acordo com dados de 2024 do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (NIC.Br). Silenciosamente, enquanto você navega, as redes sociais coletam muito mais informação do que aquilo que fornecemos conscientemente.

Cookies são pequenos arquivos que os *sites* despejam no seu navegador quando você visita uma página. A finalidade é identificá-lo na próxima visita, e com isso eles viram uma espécie de diário de bordo de tudo o que você fez no *site*.

Eles podem ser do próprio *site* acessado: ao retornar a um *site* de notícias, os *links* em que você já clicou aparecem roxos em vez de azuis. Mas no lucrativo negócio dos *cookies* de terceiros, os *cookies* despejados no seu computador pelo *site* que você visita podem vir de redes de anúncios presentes também em outros *sites*. A relação dessas redes não é diretamente com você, mas com os *sites* que acessa. É por isso que tantos *sites* usam *pop-ups* pedindo sua autorização para *cookies*: se não usam *cookies* de terceiros, não é preciso pedir licença.

Essas empresas coletam dados da sua navegação para refinar um perfil comercializável seu. Num nível mais alto, esses dados são vendidos e cruzados com bases externas, tipo dados vazados do Serasa, histórico comercial e até dados de saúde. É assim que surgem os corretores de dados (*data brokers*). Eles não têm relação com o seu uso da *internet* e nem com os *sites* por onde você passa. São empresas que compilam tudo isso para vender perfis completos, muitas vezes contendo nome, CPF, telefone ou nomes de parentes. Esse mercado alimenta desde a publicidade legítima até golpes e fraudes. Pessoas que aplicam golpes no *WhatsApp*, por exemplo, muitas vezes compraram o perfil da vítima, com foto e tudo, num *site* que fornece isso.

Quem está nesses bancos de dados nem faz ideia de que está sendo comercializado como produto. Parte das pessoas que faz ideia disso acaba embarcando na ideia falaciosa de que “todos os nossos dados já são públicos”. É uma falácia: nesses casos mais graves, eles foram roubados ou obtidos mediante falsas premissas.

Disponível em <https://theconversation.com/>. Adaptado.

- O texto do jornalista e professor Marcelo Soares é um artigo de divulgação científica. Textos de divulgação científica recontextualizam e didatizam conceitos, procedimentos e dados técnicos e científicos para leitores que, em geral, não são especialistas em uma dada área do conhecimento. Discuta duas estratégias utilizadas pelo professor para tornar o texto mais acessível, exemplificando cada uma delas com um excerto pertinente.
- De acordo com o artigo, por que é possível afirmar que estamos sendo comercializados como produtos na *internet*?

03

— Gostaria de entrar para um convento. Acho que seria feliz num convento, ficaria lá quietinha, olhando o mundo lá longe, envelhecendo em paz, sem testemunhas, tenho pavor das testemunhas, descobri que o que mais me apavora, tanto na vida como na morte, são as testemunhas. Sempre estou encontrando alguém que se lembra de mim nesta ou naquela data, as testemunhas são tão atentas, uma memória! Por que as pessoas têm tanta memória? Eu estava num jantar tão alegriinha e veio alguém que me olhou, olhou e começou com aquela conversa que me arrepiava inteira, acho que você não está mais se lembrando de mim... Oh Deus, quando ouço esse começo já fico gelada, começa assim, aposto que você não está se lembrando! Faço aquela cara vaga, disfarço mas não adianta, a testemunha é um bico voraz me arrancando os fiapos de carne, tuque-tuque, não vai deixar a presa, uma voracidade, não foi em? ... A data.

Lygia Fagundes Telles. *As meninas*.

Ouvi direito? O que estou relatando é o que ouvi? (...). A fala suspensa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido na hora das relembrações. Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas persisto nessa intenção. (...) Não descanso, não durmo, não fecho os olhos, não me distraio. Vigio tanto que nem sei se oro. Capto como testemunha ocular ou como ouvinte a dinâmica de vidas que se confundem com a minha, por algum motivo.

Conceição Evaristo. *Canção para ninar menino grande*. Introdução. "Das minúcias ao engrandecimento".

Nos excertos apresentados, observe que a memória é uma estratégia narrativa, interferindo nas ações e emoções das personagens que viveram e testemunharam o passado. Nesse contexto,

- a) identifique como os romances recorrerem à memória como recurso narrativo, comparando-os.
- b) aponte duas diferentes consequências dessa estratégia narrativa em ambos os romances.



04

Nenhuma flor lamentava a morte dos escravos que Celestino sufocara em mar alto. Os homens despejaram a cal no porão, saco a saco. Os negros viram que um pó caía sobre eles, mas não entenderam o que se passava. Os sacos de cal foram vazados no porão e a porta fechada por Celestino. Ouviram-se gemidos, pedidos de socorro e, passado algum tempo, um silêncio que apaziguou os piratas. O rapaz que lhes abria o porão pela calada manteve-se a um canto, aturdido. Entreolhando-se, buscaram na cara uns dos outros um sinal de que podiam voltar a falar. O capitão sorriu, como se estivesse sozinho. Asfixiados, os sessenta e poucos negros que restavam depois da revolta sucumbiram aos vapores corrosivos da cal. Celestino abeirou-se da proa, sem olhar a mortandade. De olho no horizonte que espreitava, ao nascer do dia, sorveu a maresia.

(...)

Adormecia de pé, trauteava cantigas da juventude, sonhava de olhos abertos.

Os relâmpagos caíram sem clemência no último Outono. Parecia que a velha casa da rua dos choupos era a última casa habitada no mundo, ou uma balsa esquecida nas ondas, ou o porão de escravos de um navio à deriva.

Os seus braços, despedidos do dono, esboçavam gestos de marinhar como se, por reflexo, os trovões desencadeassem uma arte antiga, guardada debaixo da sua pele.

Deixou de usar a pala, sem vergonha da cara desfigurada. No quintal, não se julgava no mar onde tinha navegado, mas num mar outro, sem homens e sem tempo.

Djaimilia Pereira de Almeida. *A visão das plantas*. Adaptado.

Nos excertos apresentados, Celestino é retratado em dois momentos distintos de sua vida.

- a) Compare a sua atitude diante dos atos de violência em sua juventude e o seu estado psicológico na velhice.
- b) Explique a relação simbólica entre o espaço do navio e o espaço da casa, tendo em vista a transformação do "mar onde tinha navegado" em um "mar outro, sem homens e sem tempo".

05

Catar Feijão

1.

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

João Cabral de Melo Neto. *Poesias Completas*.

- a) No poema, João Cabral de Melo Neto faz uma comparação entre “catar feijão” e “escrever”. Aponte uma semelhança e uma diferença entre essas duas ações, justificando sua resposta com fragmentos do texto.
- b) Explique como foram formados morfologicamente os adjetivos “fluviente” e “flutual” e indique quais são os seus significados no contexto do poema.

06

Uma das fotografias mais icônicas do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado (1944-2025), "Serra Pelada", foi incluída pelo jornal *The New York Times* em uma seleção de 25 imagens que definem a modernidade desde 1955. O jornal destacou a escala impressionante e a força visual da composição, registrada em 1986. Serra Pelada, no coração da floresta amazônica, no leste do Pará, ficou conhecida como o maior garimpo a céu aberto do mundo.

Em sua última entrevista concedida à Rádio França Internacional na Normandia, no norte da França, em março deste ano, Sebastião Salgado compartilhou reflexões sobre sua trajetória, a essência da fotografia e o papel da inteligência artificial na arte. Leia a seguir um fragmento dessa entrevista.



Disponível em <https://g1.globo.com/>. Adaptado.

“Cada vez que você aperta no botãozinho da câmera e faz uma imagem, você faz um corte representativo do planeta naquele momento, e você só o faz naquele momento. Precisa ter a realidade em frente para essa imagem existir, para ela ser vista como fotografia, senão ela vai ser vista como um objeto criado como um artistismo, mas não como fotografia. Fotografia é a memória da sociedade”.

“A inteligência artificial não vai mudar nada na fotografia, porque só pode criar a partir do que já existe. Pode imaginar, transformar, mas a fotografia é outra coisa, não são as imagens que você faz com o celular, isso é uma linguagem de comunicação por imagem, mas que não tem nada a ver com a memória. Eu fico com pena dos bebezinhos de hoje que os pais fotografam com isso [*smartphones*], mandam as imagens para uns e outros, mas a memória não permanece. O dia em que ele perder o telefone, que ele mudar o sistema, uma parte das imagens vai desaparecer, isso não interessa mais.”

Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/>. Adaptado.

- a) A partir da observação da fotografia e da leitura do fragmento, explique por que Sebastião Salgado considera a fotografia como “memória da sociedade”.
- b) Que significado pode ser atribuído à palavra “artistismo”, usada por Sebastião Salgado em sua entrevista?

07

O cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio – físico, social, simbólico – vinculado a um certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele, há outro meio mais amplo, a “natureza brasileira”, que desempenha papel essencial, o de uma natureza poderosa e transformadora.

Antonio Candido. “De cortiço a cortiço”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 30, julho de 1991. Adaptado.

Memórias de Martha é ambientado em um cortiço. Considerando as reflexões de Antonio Candido sobre esse espaço tipicamente urbano e o romance de Júlia Lopes de Almeida, responda:

- O cortiço, em *Memórias de Martha*, configura-se como “o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime”? Explique a sua resposta.
- Qual é a força “poderosa e transformadora” que provoca a mudança das condições sociais da protagonista em *Memórias de Martha*? Justifique a sua resposta.

08



Thomas Brooks. *O aluno novo* (1854). Disponível em <https://eclecticlight.co/>.



Meninas em aula de costura, Escola Caetano de Campos, São Paulo (1895). Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/>.

A primeira imagem, do pintor britânico Thomas Brooks (1818-1892), representa a chegada de um novo aluno a uma escola rural do século XIX. A segunda é uma fotografia anônima de uma sala de aula brasileira em 1895.

Observando as duas imagens e considerando o direito à educação defendido por Nísia Floresta em *Opúsculo humanitário*, responda:

- As imagens apresentam condições que reforçam ou refutam os argumentos de Nísia Floresta a respeito da educação feminina no século XIX? Justifique a sua resposta.
- Cite dois traços da exclusão social e étnica aos direitos educacionais no Brasil do século XIX apontados em *Opúsculo humanitário* e representados nas imagens.

09

É melhor falar sobre o tempo para não arrumar briga com ninguém

Claudio Manoel

Falar sobre o tempo já virou até clichê do que os gringos chamam de "*small talk*", que pode ser traduzido como conversinha, conversa fiada ou papo furado, mas serve para quebrar os incômodos do silêncio, preâmbulo ou ponte para qualquer outro assunto e, atualmente, como um possível refúgio.

Afinal, qualquer tema, mote ou troço podem ser problematizados. Para não se meter em confusão, melhor é deixar quieto, falar sobre coisa alguma, tocar a bola para o lado, tentar ficar bem com todo mundo, mesmo que "todo mundo" seja, cada vez mais, figura de retórica. A época é dos nichos, das bolhas, cada um nos seus quadrados e tacando pedra nos vizinhos.

Por isso, é melhor ficar falando sobre o tempo para não arrumar briga com ninguém.

A não ser, claro, que logo apareça alguém te chamando de "fasciste" por falar do clima sem nem sequer mencionar o "racismo climático" ou demonstrar alguma preocupação ou consciência de como os problemas ambientais não atingem todos da mesma forma, e que raça e classe social afetam, significativamente, quem sofre mais com as consequências das crises climáticas.

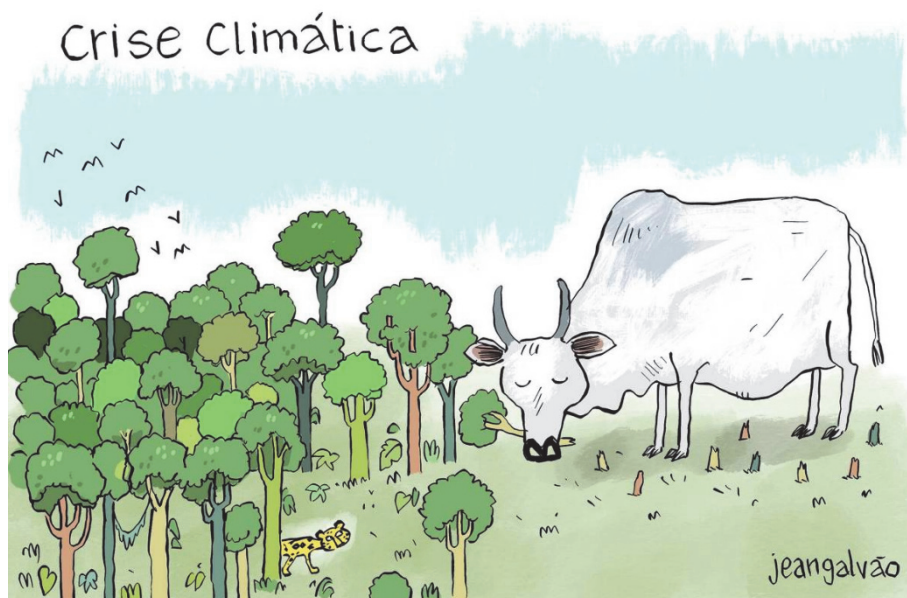
Vixe! E agora? A gente corre para onde? Como se proteger? O jeito é ficar cumprindo tabela, se dedicando à tradicional prática do enchimento de linguíça.

Aff! Cansa, né? Mas não adianta perder a calma. Tem que ter paciência. Reagir ou, justificadamente, xingar ou mandar tomar naquele lugar, é pior.

Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/>. Adaptado.

- Explique por que, no texto, o autor diz que "todo mundo" é cada vez mais uma "figura de retórica".
- Explique o significado das expressões metafóricas utilizadas no fragmento "O jeito é ficar cumprindo tabela, se dedicando à tradicional prática do enchimento de linguíça".

10



Disponível em <https://cartum.folha.uol.com.br/charges/>.

- Explique de que maneira a composição imagética se relaciona com o enunciado verbal "crise climática".
- Identifique dois recursos conotativos (em especial, figuras de linguagem) empregados na construção do bovino e discuta seu funcionamento para a geração do efeito de crítica na charge.

REDAÇÃO

A seguir, encontram-se 6 textos que compõem a coletânea de apoio para 2 propostas de redação, das quais apenas uma deverá ser escolhida.

Texto 1:

W. comenta que, durante a guerra, ele e outros prisioneiros foram escalados para limpar um hospital de campanha nos arredores da cidade de Lviv, na atual Ucrânia. Lá chegando, ele foi levado ao quarto de um jovem oficial nazista que, gravemente ferido e ciente da proximidade da morte, desejava pedir perdão a um judeu pelos crimes que havia cometido contra membros da comunidade judaica.

Na ocasião, chocado com a confissão do nazista e sem saber se aquilo tudo não era uma armadilha, o autor deixou o quarto em silêncio. Anos mais tarde, porém, ao refletir sobre o episódio, ele resolveu questionar alguns dos seus conhecidos: "E você, o que teria feito no meu lugar?".

Entre os comentários ao relato de W., o meu predileto foi escrito pelo filósofo H., amplamente reconhecido pelo seu ativismo em prol dos direitos civis nos Estados Unidos das décadas de 1950 e 1960.

Em resposta a W., H. escreve que não teria perdoado o oficial nazista. No entanto, o que mais me chamou atenção no texto de H. não foi exatamente a sua conclusão, mas a maneira como ele construiu o seu raciocínio, utilizando-se do mesmo gênero textual de W., isto é, a partir de uma narrativa.

Antes de dizer o que ele teria feito no lugar do sobrevivente, H. relata uma situação vivida por S. (1853-1918), o rabino de Brest, na atual Belarus, muito admirado tanto pela sua afabilidade quanto pelo seu grande conhecimento do Talmud.

Certa vez, em um trem que partia lotado de Varsóvia para Brest, o rabino sentou-se junto a um grupo de caixeiros-viajantes que passava o tempo a jogar cartas. Um deles, incomodado pela postura de S., que nunca havia jogado baralho e se recusava a participar das apostas, resolveu enxotar o rabino do vagão.

Sem conseguir encontrar outro assento vago, S. passou horas em pé até alcançarem Brest. Já na cidade, para a surpresa do caixeiro-viajante, que ignorava a sua identidade, o rabino foi recebido por uma multidão de admiradores.

Ao tomar conhecimento de que o homem que ele havia agredido era o rabino de Brest, o caixeiro-viajante apressou-se em lhe pedir desculpas, mas todos os seus pedidos e promessas de caridade foram refutados pelo rabino.

Vendo que o caixeiro-viajante estava claramente angustiado com toda aquela situação, o filho mais velho de S. resolveu questionar o pai sobre a dureza da sua decisão, ao que o rabino respondeu: "Meu filho, eu não tenho condições de perdô-lo. Ele não sabia quem eu era. Ele ofendeu um homem comum. Deixe que o caixeiro-viajante vá até ele e lhe peça perdão".

Para H., essa anedota nos ensina que ninguém tem o direito de perdoar uma ofensa cometida contra outra pessoa. Há, no entanto, algo de extraordinário na maneira como ele opta por também contar uma história para comunicar o seu posicionamento. Isto é assim pois uma narrativa possui espaços vazios e inconsistências que abrem margem para a discordância.

Juliana de Albuquerque. "Súplica de oficial nazista provoca reflexão sobre limites do perdão". *Folha de São Paulo*. 03.04.2025. Adaptado.

Texto 2:

O rancor do pai veio à tona mais forte ainda, compareceu inteiro, profundo. Culpou seu José não pelo que ele, Venâncio, tinha feito, mas pelo que ele era. Por não ter escapado do que viveu, não ter se transformado em outra coisa. Tentava se defender, argumentava consigo mesmo que não tinha escolhido jogar o filho longe, não tinha sido capaz de não jogar. Maldito. A liberdade é uma conversa fiada, é palavra de efeito, sempre no meio de uma frase para impressionar os desatentos, no fundo estamos presos à incapacidade de ser outra coisa diferente do que somos, do que a história da gente tramou. Queria uma saída, divagava. Apertou o filho nos braços e implorou a Deus pela vida dele. O que ele tinha feito não tinha perdão. Negociou. O perdão não existe justamente para perdoar o imperdoável? As bobagens, os pequenos atritos, os erros aceitáveis não precisam tanto de perdão, basta uma boa vontade, um pouco de amor e tempo, e tudo se dissolve.

Carla Madeira. *Tudo é rio*.

Texto 3:

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caiados
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mar novo*.

Texto 4:

Foto: Abdel Kareem Hana/AP.
Cessar-fogo em Gaza permite o regresso à casa.

Texto 5:

Nosso lar se enfeitou
A esperança germinou
Ah, tem muita flor pra todo lado

Pra curar a minha dor
Procurei um bom doutor
Me mandou beijar teu beijo mais molhado

Seja do jeito que for
Eu te juro meu amor
Se quiser voltar, tá perdoado!

Arlindo Cruz. *Tá perdoado*.

Texto 6:

Não me queixo; nunca me queixei de cousa nenhuma:
quando estimo alguém, perdoo; quando não estimo,
esqueço. Perdoar e esquecer é raro, mas não é impossível;
está nas tuas mãos.

Machado de Assis. *Iaiá Garcia*.

PROPOSTA 1

Redija um texto dissertativo-argumentativo, no qual seja exposto seu ponto de vista sobre o tema: **O perdão é um ato que pode ser condicionado ou limitado.**

PROPOSTA 2

Redija uma carta a uma personagem hipotética que o(a) tenha acusado falsamente da prática de um ato moralmente reprovável, explicando as razões pelas quais você lhe concede ou não o perdão. Sua redação deve conter, necessariamente, as partes que compõem a estrutura de uma carta. **ATENÇÃO:** assine sua carta com o termo “Nome”.

Instruções:

- Escolha uma das propostas e marque, na folha de redação, a opção selecionada.
- A redação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva com letra legível e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação.

V. 4